

O VALE DO RIO JAURU, MT: O ESTUDO DE UMA FRONTEIRA CULTURAL

Marlon Borges Pestana*
Pedro Ignácio Schmitz**
Jairo Henrique Rogge***

Resumo: Este artigo discute algumas interpretações obtidas através das atividades de resgate arqueológico no reservatório da PCH Figueirópolis instalada no município de Indiavaí, Estado do Mato Grosso, no período de setembro a dezembro de 2008. Entre os resultados estão a descoberta de 34 sítios arqueológicos, sendo destes 25 escavados parcialmente. Os novos dados sobre a Arqueologia do oeste brasileiro e oriente boliviano, em específico com relação à tradição Uru e à tradição Descalvado serviu de base a tese de doutorado, cuja qual este artigo é um breve resumo.

Palavras-chave: Arqueologia, horticultores, rio Jauru

Abstract: This paper discusses some of the most important interpretations about archaeological rescue activities in the PCH Figueirópolis lakes, to be build at Indiavaí town, Mato Grosso State, between September and December 2008. The results are a discovery of 34 archaeological sites, the partial excavation of 25, this new data to the Descalvado and Uru ceramic traditions in the Brazilian west and the Bolivian east are the main result of a doctoring thesis which this article it has been a brief abstract.

Keywords: Archaeology, horticultors, Jauru River.

* Universidade Federal do Rio Grande – FURG,
Rio Grande, RS, Brasil.
Professor da Universidade Federal do Rio
Grande – FURG.
E-mail: mbpestanda@furg.br

** Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS,
São Leopoldo, RS, Brasil.
Professor do Programa de Pós-Graduação em
História – PPGH
Pesquisador do Instituto Anchietano de
Pesquisas – IAP/UNISINOS
Email: anchietano@unisinobr

*** Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS,
São Leopoldo, RS, Brasil.
Pesquisador do Instituto Anchietano de
Pesquisas – IAP/UNISINOS
Email: rogge@unisinobr
DOI: 10.19177/memorare.v5e22018211-226



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

A área de pesquisa se estende por 16,0 km a partir dos 21L 0323756E 8298272N até os 21L 0317212E 8307359N. O ambiente é de cerrado, limitado ao sul pelo bioma do Pantanal mato-grossense, ao norte pela floresta amazônica. No espaço da pesquisa existem três tipos de vegetação característica: a floresta aluvial, em neossoloquartzarênico, na planície de inundação; a savana arbórea densa ou cerradão, em argissolo vermelho-amarelo eutrófico, no terraço fluvial; a savana arbórea aberta em galeria ou campo cerrado, em solo podzólico com a presença de um horizonte de cascalho a cerca de 0,60 m de profundidade, na meia encosta.

O estudo de 34 sítios cerâmicos aponta para três formas de implantação: o predominante é em cima da borda do terraço fluvial, distante entre 30,0 e 80,0 m do rio, com 40,0 a 65,0 m de tamanho, espessura estratigráfica entre 20,0 e 40,0 cm e de 5,0 a 10,0 cm abaixo da superfície; a 2ª ocorre na planície de inundação, entre 20,0 e 45,0 m distante da linha d'água, com 20,0 a 45,0 m de tamanho, uma camada arqueológica variando entre 20,0 e 60,0 cm, a partir de 10,0 a 20,0 cm da superfície; a 3ª, na meia encosta, afastada entre 120,0 e 340,0 m da margem do rio Jauru, com 10,0 a 15,0 m de extensão, predominantemente superficial, eventualmente com uma camada arqueológica entre 5,0 e 10,0 cm a partir da superfície.

O resultado da análise do material e da implantação dos sítios interroga se os diferentes tipos de sítios representam a mesma ou diferentes culturas; ele será comparado com as culturas ceramistas da área propostas em trabalhos anteriores que se referem à tradição Uru, característica dos cerrados do Brasil Central, à tradição Descalvado característica da borda setentrional do Pantanal e à tradição Pantanal, característica do ambiente alagado. O estudo pretende dar uma contribuição para uma área hoje ambiental e socialmente de fronteira, verificando se no passado arqueológico ela teria tido a mesma característica.

2. Área de Estudo e Meio Ambiente

Segundo Marostega (2011) a bacia do rio Jauru possui uma superfície de aproximadamente 15.844,02 km². Tem como coordenadas geográficas de seus

extremos, as Latitudes Sul de 14° 36' 20" 39" e 16° 36' 23" e Longitudes Oeste entre 57° 37' 13" e 59° 35' 49". Caracteriza-se pela presença de vegetação de três Biomas: Pantanal, Cerrado e Amazônico.

Foram percorridos 16,0 km de extensão, sentido norte-sul, por 2,0 km de largura (acompanhando as margens do rio Jauru), sentido leste-oeste, entre as coordenadas 21L 0323756E 8298272N até os 21L 0317212E 8307359N. Os sítios arqueológicos foram identificados dentro deste limite, em ambiente de cerrado.

A zona de tensão ambiental, entre o pantanal e o cerrado, é uma faixa de território que acompanha a borda elevada do pantanal, entre o campo cerrado e a planície alagada (LACERDA FILHO, 2004, p. 174). Essa faixa de terra é composta por solos de notável fertilidade e amplamente irrigada. A presença do calcário em associação com rochas ígneas favoreceu o equilíbrio químico do solo, com relação a acidez, formando interflúvios tabulares de argila sedimentar com representativa fertilidade, sobre o argissolo vermelho-amarelo eutrófico. Marostega (2011, p. 51) afirma:

O Argissolo possui boa reserva de elementos nutrientes, com médios e altos valores de soma e saturação de bases. O alumínio trocável é inferior a unidade de saturação com o alumínio praticamente zero, dando-lhe um aspecto de fertilidade, condições favoráveis à implantação de qualquer empreendimento agropecuário devido às condições climáticas com umidade e temperaturas favoráveis a intemperização intensiva, com aparecimento de todo tipo (BRASIL – MME, 1982 apud MAROSTEGA, 2011, p. 51).

Nesta zona de tensão ecológica ocorrem ecótonos e encraves. Os ecótonos são áreas ou manchas de contato com a savana aberta (cerrado) e a savana estépica (chaco). Os encraves são contatos efusivos ou interpenetrações sem a perda da identidade de ambas as vegetações, ocorrendo um e outro ambiente. Assim:

As áreas de Tensão Ecológica são de características diversas. A litologia, formas de relevo e transição climática propiciam interpenetrações (encraves) ou misturas (ecótonos) de formações das diferentes regiões fitoecológicas. Na depressão pantaneira ocorre apenas uma grande mancha de contato entre a Savana e a Savana-Estépica, onde se verifica a mistura florística entre esses dois tipos de vegetação. Ela se verifica nas imediações do Rio Negro, na divisa do Pantanal da Nhecolândia com o Pantanal de Miranda. Em toda a extensão do Pantanal ocorre o contato entre duas regiões fitoecológicas, cada qual guardando sua identidade ecológica, sem se misturar, sendo que, verifica-se na região a predominância, do contato da Savana com a Savana-Estépica (PEREIRA, 2009, p. 18).



Pode-se caracterizar então, a faixa de tensão ecológica, como um território de interpenetração e simbiose de fauna e flora de ambos os biomas, pantanal e cerrado, com solos de alta fertilidade. A extensão da faixa de tensão ecológica respeita as áreas de pressão ambiental entre o planalto central e a planície pantaneira, representada no mapa, indicando visualmente a inserção desta na área de pesquisa.

O mapa hidrológico ilustra melhor a situação da faixa de tensão ambiental, verdadeira fronteira entre pantanal, cerrado e Amazônia, visível na distribuição irregular dos rios nos diferentes biomas.

Os encraves são interpenetrações do cerrado nas florestas úmidas no vale do rio Jauru. Acompanham os solos podzólicos e levam consigo, uma mancha vegetal de savana aberta de galeria que adentra as florestas aluviais, criando bolsões com resquícios de cerrado. A interpenetração do ambiente com florestas ribeirinhas, cerradão e faixas de cerrado paralelas ao rio proporcionou bases para a instalação de populações que vão usar as três faixas de vegetação para cultivos, de formas parecidas, mas não iguais: uma se concentrando mais fortemente nas áreas de floresta e cerradão e a outra usando mais fortemente a floresta e o cerrado.

3. História e Metodologia da Pesquisa

A Agência Nacional de Energia Elétrica fomentou em 2004, a construção de pequenas centrais hidrelétricas – PCH. Engenheiros hidroelétricos encontraram no oeste do Estado de Mato Grosso uma malha abundante de rios com significativos potenciais de produção energética. Destacam-se entre eles os rios do Sangue, Sapezal, Xingu, Nhandu, Braço Norte e Braço Sul, Papagaio, Alto Guaporé, rio Claro, Arinos, Teles Pires e Jauru. O rio Jauru recebe até o momento a ação de quatro pequenas centrais hidrelétricas, sendo duas concluídas (PCH Salto Jauru e PCH Figueirópolis), duas em construção; existem projetos para outras oito, totalizando doze.

As pesquisas arqueológicas nas duas usinas hidrelétricas mais antigas: a UHE Jauru (no alto rio Guaporé, município de Jauru) e a PCH Salto Jauru serviram de modelo para as atividades no recente projeto (PCH Figueirópolis), aceito e aprovado pela ANEEL em março de 2005. Deste período até o final do mesmo ano foram

estabelecidos os prazos de entrega dos estudos de impacto ambiental (EIA-RIMA), aprovados e previstos no projeto básico ambiental (PBA-CONAMA).

Posteriormente, construída na porção jusante do rio com relação ao outro empreendimento hidrelétrico, instala-se a PCH Figueirópolis. A equipe retorna, então, em 2007 para realizar as atividades complementares nas margens do rio Jauru, entre elas a execução completa do diagnóstico da nova PCH e os desdobramentos necessários de prospecção e resgate arqueológico. Após o resultado da contratação, ocorrido em fevereiro de 2007, o projeto é encaminhado ao IPHAN para aprovação e emissão de portaria. O resgate arqueológico ocorreu entre agosto e dezembro de 2008.

Em campo permanecem dois profissionais, o bacharel em História Rodrigo Germano Fonseca e Marlon Borges Pestana, responsáveis pela logística de campo. Na primeira semana houve a integração com a sociedade, agrupando auxiliares e técnicos, alguns que já haviam trabalhado no projeto anterior. O apoio da comunidade foi fundamental. Cerca de três meses depois, junta-se à equipe de campo o arqueólogo Cassiano Bervig.

Antes das atividades de campo, para orientação, foi realizada uma breve pesquisa bibliográfica. Durante o levantamento e o diagnóstico arqueológico, foram percorridos 16,0 km de rio, prospectando uma área de aproximadamente 46.438 m², representando 16,1 % das margens do rio. Os caminhamentos permaneceram junto à linha d'água, afastadas em até 1,0 km. Durante o trabalho prospectivo, neste mesmo espaço, foram aplicados 226 poços-teste, com 1,0 m de profundidade e 40,0 cm de boca, nas áreas de potencial arqueológico que estavam próximas à linha d'água, ou afastadas em até 300,0 m da margem. Foram usados dois barcos para locomoção da equipe que era deixada nas praias do rio (bebedouros do gado), e dali percorriam a pé até serem encontradas na próxima praia. A área proposta foi percorrida completamente.

O resultado da prospecção foi a identificação de 34 sítios arqueológicos; destes apenas 26 apresentavam possibilidade de escavação, todos, porém receberam algum tipo de intervenção. Em cada sítio escavado foram aplicadas duas linhas perpendiculares e entrecruzadas de poços-teste. Na proximidade dos poços-teste com maior densidade cerâmica eram abertas cinco sondagens; dependendo da concentração do material o local ainda recebia uma ampla área de escavação de 3,0 x 3,0 m. As intervenções, tanto

nas sondagens como nas áreas de escavação, eram abertas por níveis artificiais de 10,0 cm. Escavava-se até dois níveis estéreis abaixo da camada arqueológica mais profunda.

O sedimento foi peneirado em malha de 0,5 cm. O argissolo eutrófico ou distrófico vermelho, duro, agregado e compacto não permitiu a escolha de uma malha menor, podendo ter resultado daí a perda de alguma informação. O material recolhido foi separado em sacos plásticos e acompanhado de etiqueta identificadora.

A teoria aplicada em campo, nas intervenções e escolhas das áreas, foi orientada pela obra de Martinez (1990) e Meggers; Evans (1958). Ambos os trabalhos orientaram as diretrizes de escolha de áreas e a sequência metodológica que foi aplicada em campo. Com base no levantamento arqueológico foi priorizado o estudo do sistema de assentamento que resultou na tentativa de recriar o modelo da história do povoamento pré-colonial no médio vale do rio Jauru.

Outros estudos, no Brasil Central, identificaram relações entre os grupos ceramistas (SCHMITZ *et al.*, 1982) e com isso identificaram a presença de uma fronteira cultural entre os povos horticultores associados à calha de rios no cerrado (OLIVEIRA, 2005). O percorrimento por estas fontes secundárias instigaram o questionamento sobre as evidências de uma situação de fronteira, e os tipos de interação sócio-cultural, entre os grupos ceramistas pré-coloniais no vale do rio Jauru. A presente pesquisa se caracteriza por ser o estudo de uma zona de contato, com elementos diagnósticos de difícil identificação, com densos atributos simbólicos associados às formas cerâmicas e aos tipos de assentamentos.

As fontes primárias arqueológicas se referem ao material arqueológico do médio rio Jauru, especificamente os conjuntos cerâmicos e o material oriundo dos sítios arqueológicos escavados, que foram salvaguardados no Instituto do Homem Brasileiro – IHB/Cuiabá. As fotos, desenhos e tabelas confeccionados durante as atividades de campo (2005 a 2008) ficaram sob a responsabilidade da coordenação de campo, bem como o desenho das formas das vasilhas cerâmicas reconstituídas a partir das bordas, fotos do material arqueológico *in situ* e das intervenções em campo. Foram usados também os resultados da classificação e da análise do material arqueológico (inventário, dimensões e análise dos artefatos); mapas do Google Earth, croquis de sítio, perfis estratigráficos confeccionados pelo primeiro autor e pela Empresa Documento Ltda.



As fontes primárias históricas sobre a região de pesquisa foram extraídas dos relatos dos viajantes, engenheiros e militares contidos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo I ao XX, de 1839 a 1857, publicada no Rio de Janeiro pela Typographia Universal de Laemmert e no arquivo do Museu Histórico de Cáceres – UNEMAT. A revista do IHGB consultada encontra-se integralmente no Instituto Anchieta de Pesquisas - IAP/UNISINOS.

As fontes secundárias geofísicas e informações ambientais foram extraídas dos relatórios da Secretaria do Meio Ambiente SEPLAN, organizadas por Vasconcellos (VASCONCELLOS, 2005, p. 45). Sendo utilizadas conforme a necessidade descritiva do ambiente, em conformidade com a terminologia utilizada pelo autor. As informações sobre a geografia, geomorfologia, vegetação e hidrografia foram extraídas da dissertação de mestrado de Gilmar Batista Marostega (2012, p. 14). Os shapes e as bases cartográficas foram obtidos do IBGE através da UFMT e do convênio entre a UFMT e a SICME-MT (LACERDA FILHO, 2004).

4. Os sítios e o Sistema de Assentamento

Os sítios arqueológicos compostos de cerâmica com antiplástico areia se encontram em ambos os lados do rio. Os sítios de diversos tamanhos testemunham que havia um povoamento estável com estruturas diferenciadas para manejo do ambiente.

A diferença não se explica pelo ambiente em que os sítios estão instalados porque todos os grupos teriam acesso fácil aos materiais.

Os sítios inteiros são cariapé ou são areia.

Sítios com antiplástico areia: 1, 2, 3, 5, 6, 8, 10, 13, 14, 17, 19, 23, 26, 28, 32.

Sítios areia com pouca cerâmica: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 26, 27, 28, 30,

Sítios areia com muita cerâmica: 8, 14, 19, 32.

Não se registraram sítios médios com areia.

Sítios com antiplástico cariapé: 4, 7, 9, 11, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 33, 34.

Sítios cariapé com média e muita cerâmica: 4, 7, 11, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 30, 32, 33, 34.

Sítios cariapé com muita cerâmica: 9, 29, 31.



Não se registraram sítios pequenos com cariapé.

Os de antiplástico areia têm aldeias grandes ao longo do rio e pequenas ocupações no sopé do morro. Os sítios com cariapé têm aldeias grandes na beira do rio e sítios médios também na proximidade do rio. O sítio Figueirópolis IX que está no sopé do morro tem muita cerâmica apenas num único corte e com isso não é igual aos outros sítios grandes que tem a cerâmica com cariapé distribuída por um espaço maior.

Os sítios grandes com areia se distinguem dos sítios grandes com cariapé porque são os únicos, e todos, que têm sepultamentos e bolsões de matéria orgânica. Os sítios grandes com cariapé não têm sepultamentos e não tem os bolsões de matéria orgânica. Tomando como referência o antiplástico se percebem dois sistemas diferentes de assentamento cuja diferença também é acentuada por outras características.

Os sítios grandes tanto da cerâmica com areia (14, 19, 32) como com cariapé (29, 31) mostram acentuada dependência do rio e do seu ambiente localizando-se nas fortes curvas do rio. Isto é mais nítido no local em que o rio forma duas curvas opostas, onde se encontram os sítios: 19 com antiplástico areia e 29 e 31 com cariapé. Embora não se tenha feito uma análise específica para relacionar os antiplásticos com as formas correspondentes da cerâmica, a impressão inicial é de que a cerâmica com cariapé apresenta formas mais abertas de bases aplanadas ao passo que a cerâmica com antiplástico areia tem as formas mais globulares e com gargalo. As duas formas de estabelecimento sugerem duas maneiras diferentes de exploração econômica, embora ambas sejam supostamente cultivadoras.

Os sítios com areia têm suas aldeias grandes todas junto aos recursos oferecidos pelo rio e as pequenas no cerrado, na encosta dos morros. Os sítios com cariapé têm tanto os sítios grandes quanto os médios localizados na proximidade do rio. O primeiro tipo de assentamento sugere maior utilização dos recursos do cerrado do que o segundo que indica maior dependência do cultivo de plantas. A diversidade na implantação dos sítios faz pensar que se trata de duas populações que sucessivamente ocuparam o espaço. Seria importante conseguir a cronologia das ocupações e fazer uma análise detalhada da cerâmica para verificar se houve contato entre as sugeridas populações.

O antiplástico usado não parece depender da disponibilidade em que está localizado o sítio, pois areia e cariapé ocorrem sobre solos de constituições diferentes,

como aparece na tabela e na descrição dos sítios e do material. Nem da funcionalidade do vasilhame porque ele é comum para todas as formas em um mesmo sítio.

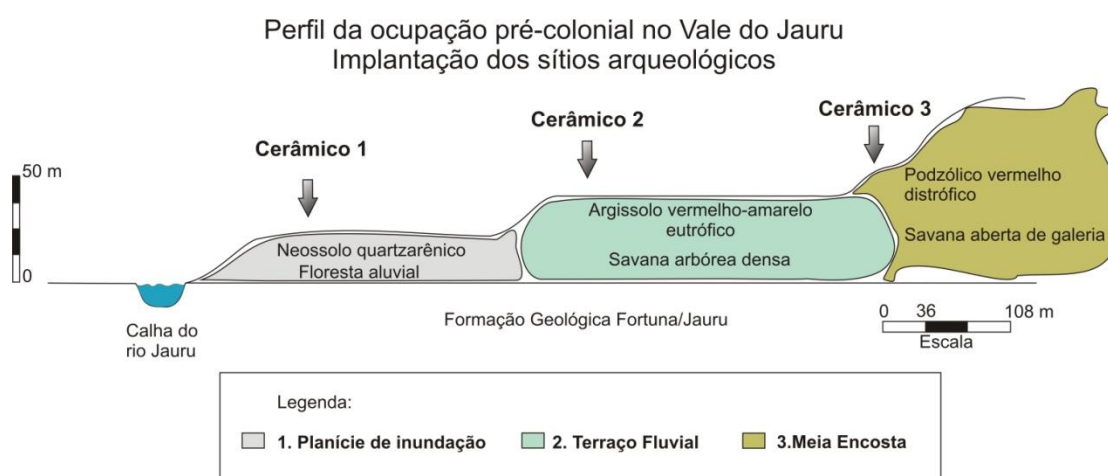
Construímos um pequeno mapa (abaixo) do assentamento fazendo uma síntese do capítulo e usando os dados da tabela: tamanho, relação com o rio, material presente: cerâmica, sepultamentos, densidades de material e disposição estratigráfica. Todos os sítios estudados são cerâmicos.

5. Resultados da Análise dos Sítios e do Material Arqueológico

Os sítios pequenos afastados do rio, normalmente se encontram próximos aos córregos permanentes.

Essa classificação por implantação no relevo visa mostrar o aproveitamento do ambiente pelas duas formas de assentamento classificadas pelo antiplástico usado na produção da cerâmica e mostra as diferenças nessa utilização.

Figura1: Análise dos sítios e do material arqueológico.



Fonte: Acervo do autor.

Além de água, o rio Jauru oferece, como visto no capítulo um, ambiente rico em variadas fontes de alimento. Existem fortes corredeiras nas curvas acentuadas do rio, que são rica fonte de pescado, tanto de peixes residentes quanto de peixes migrantes. Os habitantes dos sítios alinhados ao longo do rio deveriam fazer muito uso destes



recursos, que talvez oferecessem tanta ou mais proteína que a caça no Cerradão e no Cerrado, de todas as formas seriam fortemente complementares.

O vale é coberto por vegetação abundante, diversificada e florestada, onde se concentram os solos mais férteis da região. Eles seriam a base para os cultivos de ambos os grupos.

O vale oferece uma justaposição de mato, cerradão e cerrado que proporcionam madeiras para a construção, lenha para combustível e variedade de frutas, cocos, sementes, ervas e raízes para consumo humano direto e também atraem animais de variados biomas que forneceriam também carne, gordura, ossos e peles. Essa abundante diversidade de recursos tornou o vale do rio Jauru naturalmente atraente a grupos cultivadores.

Foram classificados 11.067 fragmentos cerâmicos. Desses fragmentos, 4.566 são bordas, 6.130 são fragmentos de bojo e 371 são fragmentos de base. Foram analisados 60,0 % dos 11.067 fragmentos, isto é, 6.640 peças cerâmicas entre inteiras e fragmentadas.

As dimensões dos fragmentos analisados oscilaram entre 3,2 cm² até 450,0 cm², predominando 12,0 cm². A espessura oscilou de 0,23 cm a 4,8 cm, predominando medidas entre 0,8 e 1,1 cm.

A técnica de confecção predominante é o acordelado em 91,0 % das peças observadas. Ocorre com frequência de 7,0 % o modelado em peças com abertura de boca inferior aos 8,0 cm. Em 2,0 % foi verificado, nos pratos, algo semelhante ao plaquetado (placas de argila, modelado). Os pratos e vasilhas planas, espessas, indicam um amassamento pouco refinado, com argila mal amassada.

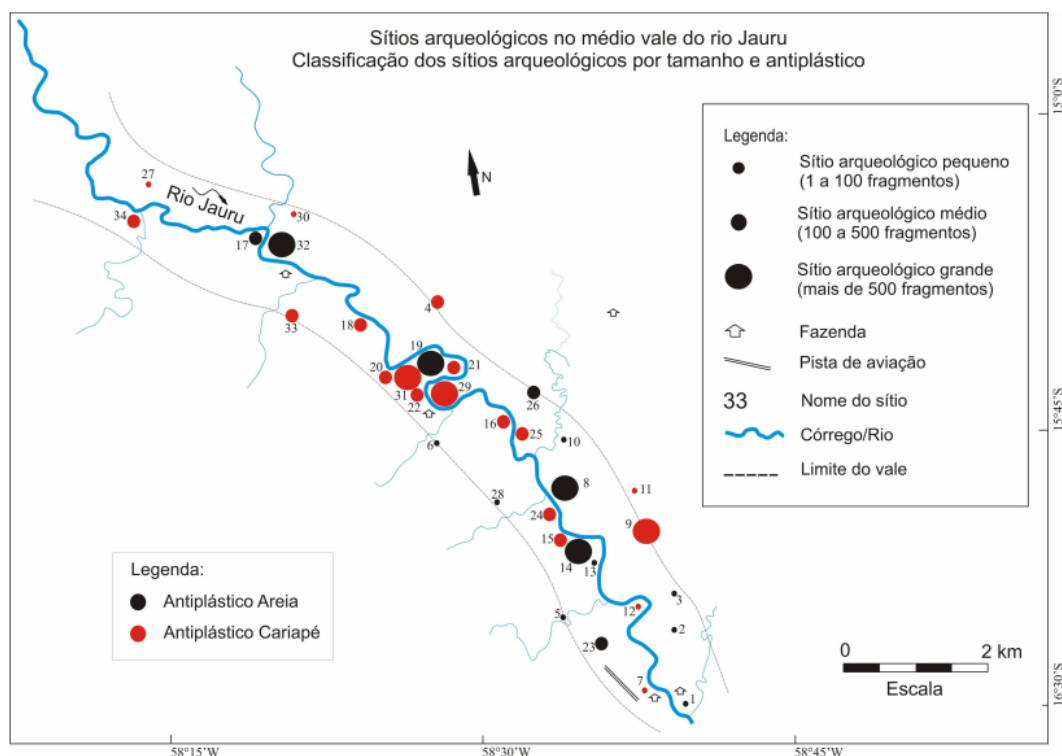
Existem duas composições principais de antiplástico: o primeiro composto de areia, areão, caco moído (chamote), e raras vezes espículas de concha moída ou espículas de cauxi (calcário); o segundo, predominante, de fibra vegetal e matéria vegetal carbonizada, também conhecido como cariapé.

O primeiro tipo de antiplástico ocorre nos sítios Figueirópolis 1, 2, 3, 5, 6, 8, 10, 13, 14, 17, 19, 23, 26, 28, 32.

O segundo tipo ocorre nos sítios Figueirópolis 4, 7, 9, 11, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 33, 34.



Figura 2: Sítios arqueológicos.



Fonte: Acervo do autor.

Verificaram-se dois tipos de pasta: a predominante argilosa avermelhada para a cerâmica de antiplástico areia e a menos ocorrente para antiplástico cariapé em massa argilo-arenosa acinzentada, a última apresentando melhor amassamento (sova) e mistura.

Observou-se que a queima é irregular em atmosfera oxidante, em ambos os tipos.

Tanto num tipo de antiplástico como no outro existe um núcleo escurecido. Nas peças de antiplástico areia, a dureza na escala de Mohs atinge 4, e nas demais 3.

A cor predominante da parede é o ocre-pardacento avermelhado em 67,0 % dos fragmentos analisados, seguido do pardacento-amarelado com 13,0 %, marrom com 13,0 % e sépia 7,0 %; existem manchas de fumaça.

Do total de fragmentos, 9.699 (81,0 %) são alisados simples (em ambas as faces), não decorados; 703 fragmentos apresentaram decoração pintada: 390 são pintados de vermelho na face externa, 291 são pintados de preto na face interna e 22 são pintados em ambas as faces de preto e vermelho; 623 representam decoração incisa zonal. Em 31 fragmentos ocorreu decoração plástica beliscada, inciso geométrico

triangular, inciso zigue-zague fechado por incisos lineares; em 11 fragmentos foi observada pintura vermelha associada aos incisos triangulares da face externa. As decorações se encontram em vasilhas com antiplástico areia, especialmente nos sítios grandes e os vasilhames com antiplástico cariapé costumam não ter nenhuma decoração.

Inicialmente procuramos identificar as formas dessa cerâmica independentemente do seu antiplástico. Aparecem, então, vasilhas globulares, esféricas, semi-esféricas, tronco-cônicas, em meia-calota, platiformes; com borda cilíndrica, restringida, hiperbólica, extrovertida, introvertida, inflectida, reforçada externa e internamente; com bases levemente aplanadas, arredondadas, cônicas e planas em pedestal. Uma grande variedade de formas.

Depois foi observada a variação entre dois tipos de formas:

Nos sítios onde o antiplástico é areia predominam vasilhas globulares e semi-esféricas, seguidas de meia-calota com bordas extrovertidas e expandidas, tigelas com reforço na borda. Nas vasilhas globulares ocorrem bases cônicas e arredondadas, nas vasilhas semi-esféricas é comum a ocorrência da base suavemente aplanada; ocorre com frequência estreitamento do gargalho terminando em borda reforçada externamente. As formas fechadas e esféricas parecem mais associadas com a cerâmica com antiplástico areia que caracteriza um dos sistemas de assentamento.

Nos sítios em que o antiplástico é cariapé predominam formas abertas, planas e semiesféricas com bordas extrovertidas, meia-calota; ocorrem predominantemente formas platiformes tais como os pratos assadores, as gamelas e as tigelas rasas. As abertas e com base plana ou aplanada, com cerâmica de antiplástico cariapé caracterizam o outro sistema de assentamento.

Figura 3: Vasilhas.



Fonte: Acervo do autor.



Em cerâmica temperada com areia ocorrem fichas com extremidades polidas, pesos de fuso, pingente/adorno e fragmentos decorados. Na cerâmica de antiplástico cariapé ocorrem com frequência bases planas ou aplanadas. Sentimos a ausência de cachimbos, carimbos corporais e trempes.

O material lítico é representado só por 02 lâminas de machado polidas com entalhe para prensão, 01 lâmina fragmentada; 11 lascas líticas e 01 instrumento plano-convexo. A matéria-prima das lâminas dos machados é o diorito cinza e a das lascas e do instrumento lascado é o quartzito branco.

As características do material arqueológico sugerem associação diferenciada com os dois sistemas de assentamento como anotamos acima.

O total de fragmentos analisados indica a presença de dois tipos distintos de confecção, manufatura e acabamento que correspondem aos dois sistemas de assentamento.

Diversos arqueólogos que trabalharam na área ou em áreas próximas descreveram cerâmica com características semelhantes. Buscamos aproximar nossos dados com as informações desses autores.

Comparando os dois sistemas de assentamento com as caracterizações e denominações dos autores examinados na revisão bibliográfica, vemos semelhanças do nosso sistema de assentamento de cerâmica temperada com areia, com a tradição definida por Migliácio (2006) como tradição Descalvado/Pantanal, que apresenta um representativo número de vasilhas globulares pequenas e fragmentos decorados (pintados e plásticos), e que está implantada na planície de inundação. Ela atribui essa tradição aos Mojo, Bauré, Manasi, que são Arawak. O material também pode ser associado com a tradição denominada Descalvado que possui vasilhas maiores e com reduzido número de decoração, também atribuída aos Xarayé (MIGLIÁCIO, 2000: 373). E ainda com as fases Jacadigo, Castelo e Taiamã (SCHMITZ, 1998; PEIXOTO, 2003; MARTINS; KASHIMOTO, 2000) do Pantanal que seriam Guató e Paiaguá, que são Arawak.

E comparando os sítios do sistema de assentamento com cerâmica de antiplástico cariapé, com maior número de vasilhas abertas e plataformas, bordas com reforço externo, bases com pedestal e sem decoração, vemos semelhanças com as descritas para os grupos cultivadores do cerrado do Tocantins/Araguaia (SCHMITZ,



1974, 1982) e da bacia do rio Jauru (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996; MARTINS; KASHIMOTO, 2000; FUNARI; OLIVEIRA 2003) como tradição Uru, representada por grupos como Bororo, Nhanbikuara, Ararivá, Saraveka, que são Macro-Jê.

Foi mais difícil comparar nossos dados com as descrições de Nordenskiöld (1913: 223), mas existem claras formas e decorações que ele ilustra (a decoração incisa triangular e pintada de vermelho e formas de apêndices), que são iguais às encontradas por nós no médio Jauru.

Dillehay (2000, p. 14) menciona a alta probabilidade do registro de diversidade cultural em vales férteis, fato observado no vale do rio Jauru.

Ellen (1982, p. 235) atribui uma variação da adaptação cultural ao ambiente que se manifesta através dos diferenciais de sobrevivência das populações, da compreensão dos riscos através de respostas conscientes, fenômeno visível para as populações que povoaram o vale do Jauru.

Steward (1963) atribui a mesma decoração aos Mojo e Suznik (1978) à família lingüística Arawak.

Dessa forma foi possível correlacionar nosso material com as classificações estabelecidas por pesquisadores anteriores que falam de duas culturas. Os sistemas de assentamento por nós estabelecidos nos conduzem à mesma conclusão.

Como os sítios dos sistemas estão muito próximos entre eles, e misturados no mesmo espaço e no mesmo ambiente, pode-se supor que eles não são contemporâneos, mas sucessivos e que os sítios com cerâmica de antiplástico areia sejam os mais antigos, os da cerâmica com cariapé os supervenientes.

Por não termos feito uma caracterização minuciosa e completa da cerâmica, separando os dois conjuntos baseados no antiplástico, não temos possibilidade de discutir eventuais relações entre estes conjuntos.

Agradecimentos: Dedicamos este trabalho à memória da Profa. Dr. Maria Clara Migliácio (Caia + 06.08.2017) que muito ajudou na elaboração e reflexão dos conteúdos da tese que este artigo representa.

Referências

DILLEHAY, T. **The Settlement of the Americas**. New York: Basic Books.2000.

ELLEN, Roy. **Environment, subsistence and system: the ecology of small-scale social formations**. Cambridge: Cambridge University Press.1982.

FUNARI, Pedro. P A.; OLIVEIRA, Nanci V. **Arqueologia em Mato Grosso. (Coleção 92)** Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.2000

LACERDA FILHO, J., W.; (Coord.); FILHO, W. A.; VALENTE; C. R.; OLIVEIRA, C. C. de; ALBUQUERQUE, M. C.**Geologia e Recursos Minerais do Estado de Mato Grosso**. (Convênio CPRM/SICME). 200 p. il.; + mapas Esc. 1:1.000.000. Goiânia: CPRM.2004.

MAROSTEGA, G. B. **Características Físicas, Econômicas e de Uso da Bacia Hidrográfica do Rio Jauru – MT**. (Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais) Cáceres: UNEMAT.2011.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Arqueologia do contexto do rio Jauru (MT) impactado pelo Gasoduto Bolívia/Mato Grosso. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, v. 10. São Paulo: USP.2000

MARTÍNEZ, Victor M. F. **Teoría y Método de laArqueología**. Madrid: Editorial Síntesis.1990.

MEGGERS, B.J.; EVANS, C. Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas. **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, v. 46, Rio de Janeiro.1958.

MIGLIACIO, M. C. **A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso, uma leitura preliminar**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP.2000.

MIGLIACIO, M. C. **O doméstico e o ritual: cotidiano Xaray no Alto Paraguai até o século XVI**. (Tese de Doutorado em Arqueologia). São Paulo: MAE/USP.2006..

NORDENSKIOLD, E. von. **Urnengräber und Mounds imBolivianischenFlachlande – Baessler-Archiv, BeiträgezurVolkerkunde Leipzig und Berlin – Druck und Verlag von B.G. Tenbuer**.1913.

OLIVEIRA, E. R. de.**Aspectos da interação cultural entre os grupos ceramistas pré-coloniais do médio curso do rio Tocantins**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo/USP-MAE.2005.

PEIXOTO, J. L. dos S. **A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal sul-matogrossense**. (Tese de Doutorado) Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.2003.

PEREIRA, Z. V. Caracterização de Biodiversidade de Mato Grosso do Sul. In: YONAMINE, Sérgio Seiko (Coord. Geral). **Zoneamento Ecológico-Econômico do**



Mato Grosso do Sul: Contribuições Técnicas, Teóricas, Jurídicas e Metodológicas. Campo Grande.2009.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento.** (Tese de Doutorado) São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.1996.

SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; BARBOSA, A. S.; BASILE BECKER, Í. I. Projeto Alto Tocantins – Goiás. Comunicação Prévia. **Anuário de Divulgação Científica. Gabinete Arqueologia ano 1**, nº 1. Goiânia: UCG.1974.

SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M. & THIES, U. M. E. Arqueologia do centro-sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. **Pesquisas, Antropologia** n. 33, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas.1982

_____, P. I.; ROGGE, J.; ROSA, A.; BEBER, M. V. Aterros no Pantanal do Mato Grosso do Sul, Brasil. **Pesquisas, Antropologia** n. 54. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas.1998.

STEWART, J. H. **Handbook of South American Indians.** V. III. The Tropical Forest Tribes. Nova York: Cooper Square Publishers.1963.

SUSNIK, B. **Etnología del Chaco Boreal y superiferia** (siglos XVI y XVIII). (Serie "Los Aborígenes del Paraguay", 1). Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero".1978.

Submetido em: 11/05/2018. Aprovado em: 16/06/2018.